

AUGUSTUS NICODEMUS

LIVRES EM CRISTO

A MENSAGEM DE GÁLATAS
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

LIVRES

EM CRISTO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nicodemus, Augustus Livres em Cristo - A mensagem de Gálatas para a igreja de hoje / Augustus Nicodemus. – São Paulo: Vida Nova, 2016. ePub Bibliografia ISBN 978-85-275-0670-0 (recurso eletrônico) 1. Bíblia NT – Gálatas – Comentários I. Título 15-0203	CDD-227.406
--	-------------

Índices para catálogo sistemático:

1. Bíblia NT - interpretações teológicas

AUGUSTUS NICODEMUS

LIVRES EM CRISTO

A MENSAGEM DE GÁLATAS
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

©2015, de Edições Vida Nova

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2016

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21 (A21). As citações bíblicas com indicação da versão in loco foram extraídas da Almeida Revista e Atualizada (ARA), da Nova Versão Internacional (NVI) e da Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH).

GERÊNCIA EDITORIAL
Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO
Fernando Mauro S. Pires
Cristina Ignacio

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Judson Canto

REVISÃO DE PROVAS
Josemar de Souza Pinto

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO
Assisnet Design Gráfico Ltda.

DIAGRAMAÇÃO PARA E-BOOK
Felipe Marques

CAPA
Wesley Mendonça

SUMÁRIO

Prefácio

Introdução

CAPÍTULO 1

A mensagem de Paulo

CAPÍTULO 2

A origem do evangelho

CAPÍTULO 3

A defesa do ministério de Paulo

CAPÍTULO 4

O evangelho da graça

CAPÍTULO 5

A justificação pela fé

CAPÍTULO 6

A união com Cristo

CAPÍTULO 7

A insensatez dos gálatas

CAPÍTULO 8

A experiência de Abraão

CAPÍTULO 9

A Lei não salva

CAPÍTULO 10

Graça e fé

CAPÍTULO 11

A superioridade do evangelho

CAPÍTULO 12

Sara e Agar

CAPÍTULO 13

Cair da graça

CAPÍTULO 14

Guiados pelo Espírito

CAPÍTULO 15

Como restaurar um irmão

CAPÍTULO 16

Semeadura e colheita

CAPÍTULO 17

As verdadeiras marcas de Cristo

Considerações finais

PREFÁCIO

Poucos assuntos são tão relevantes e necessários para nossos dias quanto a doutrina da justificação pela fé em Cristo. Apesar de a Reforma Protestante do século 16 ter esclarecido, de uma vez por todas, que ninguém é justificado pelas obras, mas somente pela graça de Deus, mediante a fé em Cristo, a tendência humana de justificar-se diante do Criador por méritos próprios continua presente no meio evangélico de nossos dias, sob muitas e diferentes formas.

A guarda de determinados dias, a realização de rituais, campanhas e promessas, a entrega obrigatória de dízimos e ofertas, os usos e costumes relacionados com vestuário, a obediência cega a sistemas hierárquicos e a reintrodução de práticas judaicas no culto cristão são apenas algumas das expressões modernas do antigo legalismo combatido com veemência pelo apóstolo Paulo em sua carta aos gálatas. A igreja evangélica no Brasil precisa urgentemente ouvir mais uma vez a mensagem dessa carta, para se livrar da escravidão imposta por falsos apóstolos e pastores, mestres desprovidos da verdade, que espreitam nossa liberdade em Cristo e introduzem regras e normas e rituais humanos no caminho da nossa salvação.

Os argumentos que Paulo escreveu em favor da justificação pela fé, sem as obras da lei, são tão atuais e verdadeiros hoje quanto o foram para seus primeiros leitores em meados do primeiro século. O objetivo desta obra é, portanto, apresentar essa mensagem ao público brasileiro. Não se trata, rigorosamente falando, de um comentário exegético da epístola, embora, certamente, seu conteúdo seja o resultado de um trabalho de exegese e interpretativo da famosa carta

de Paulo. O livro é resultado de uma série de exposições que fiz na Primeira Igreja Presbiteriana do Recife. As mensagens foram transcritas e editadas por Edições Vida Nova.

Minha oração é que seu conteúdo seja usado por Deus para libertar mentes e corações da escravidão do legalismo, mediante a abençoada doutrina da justificação somente pela fé em Cristo.

Rev. Dr. Augustus Nicodemus Lopes
Goiânia, setembro de 2015

INTRODUÇÃO

A crença de que podemos nos achegar a Deus e receber dele alguma coisa como recompensa por nossas obras e ações é tão antiga quanto o próprio homem. O conceito de salvação nas religiões em geral está comumente associado a um sistema de regras e rituais que exigem obediência para a vida e que proclamam a condenação dos desobedientes. A exceção é aquela religião — permitam-me chamá-la assim — revelada por Deus nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos. Nela, a salvação é uma dádiva de Deus mediante o sacrifício de seu Filho Jesus Cristo, prefigurado no Antigo Testamento nos sacrifícios de animais, e realizado no Novo.

Ainda que Deus tenha revelado que o perdão de pecados é fruto de sua graça e amor, seu povo, a quem essa revelação foi dada, repetidas vezes ao longo de sua longa história transformou a graça de Deus quer em legalismo, o conceito de que a salvação dos pecados é obtida pela guarda da Lei dada a Moisés, quer em licenciosidade, a ideia de que a graça de Deus é tão grande que permite ao pecador salvo ainda viver deliberada e propositadamente na prática do pecado, sem consequências para sua salvação.

Da mesma forma que Deus levantou profetas para anunciar a perversão da sua graça pelos judeus do período do Antigo Testamento, alguns legalistas e outros libertinos, ele levantou o apóstolo Paulo para combater essas duas tendências que também surgiam na igreja, logo em seu início. A luta de Paulo contra o legalismo de sua época está registrada em diversas cartas, mas se vê especialmente na que ele escreveu aos crentes da Galácia.

A clara exposição da doutrina da graça e a refutação do legalismo religioso torna a Carta aos Gálatas relevante para todas as pessoas de todas as épocas e culturas. O apóstolo Paulo escreveu essa carta aos cristãos da região da Galácia numa tentativa de evitar que eles aceitassem a mensagem de certos pregadores que queriam torná-los adeptos do judaísmo. Alguns missionários judeus que aparentemente haviam se convertido ao cristianismo estavam ensinando aos cristãos não judeus de diversas igrejas recém-fundadas por Paulo que eles precisavam se circuncidar e guardar a Lei de Moisés para serem aceitos por Deus. Os gálatas também tinham ouvido Paulo pregar o evangelho de Cristo e creram que a salvação dos pecados se dava mediante a fé em Jesus somente. Mas, então, apareceram esses outros pregadores ensinando a necessidade de acrescentar à fé em Cristo as obras da lei, sem as quais não poderiam ser, de fato, salvos.

Em outras palavras, a mensagem desses “missionários judaizantes” era que o homem necessita fazer alguma coisa — no caso, guardar a Lei — para poder receber o perdão de Deus e ser aceito por ele. Essa “religião das obras” encontra eco no coração do homem pecador e cego para seu estado de perdição. Nada lhe parece mais lógico e natural do que trabalhar e se esforçar para “pagar” por seus pecados e merecer a salvação. Os cristãos da Galácia estavam prestes a aceitar essa mensagem sedutora quando Paulo lhes escreveu.

A carta é seguramente da pena do apóstolo — existe pouca ou nenhuma dúvida de sua autenticidade. Existem debates apenas quanto à data em que Paulo a escreveu. Aqui adotamos a posição de que foi escrita em meados dos anos 50, provavelmente durante a estada do autor na cidade de Éfeso (At 18.23; 19.1). Muito cedo na história da igreja sua mensagem já era conhecida e citada por pais da igreja, como Ireneu, Policarpo e Justino Mártir.

Os gálatas (Gl 1.2) eram habitantes de um distrito romano da Ásia Menor (correspondente à Turquia atual) que fazia fronteira com a Frígia, o Ponto, a Capadócia e a Bitínia. Paulo passou por aquela

região no início da década de 50 durante sua segunda viagem missionária (At 16.6) e, tendo adoecido, ficou um tempo entre eles, ocasião em que lhes pregou o evangelho pela primeira vez (Gl 4.13; cf. 1.8). O apóstolo esteve uma segunda vez com eles quando provavelmente organizou as igrejas de toda aquela área (At 18.23).

Foi após a partida de Paulo da região que aqueles pregadores da Lei começaram a visitar as igrejas dali. A mensagem deles, conforme já mencionei, era que os crentes precisavam ir um passo além para poderem ser, de fato, salvos. Eles precisavam se circuncidar e guardar a Lei de Moisés, como os judeus faziam, adotar a dieta judaica — abster-se de sangue, carne de porco e muitos outros alimentos considerados impuros — e guardar as festas e datas do calendário judaico, especialmente o sábado. Segundo o que diziam esses pregadores, Paulo não havia ensinado isso aos gálatas porque era um falso apóstolo. Também afirmavam que ele não estava no mesmo nível dos apóstolos originais, como Pedro, e havia deturpado o ensino original dos Doze.

Esses missionários vinham da Judeia (cf. At 15.1). Eram judeus que haviam acreditado que Jesus era o Messias prometido a Israel, contudo não viam a necessidade de abandonar os preceitos da Lei de Moisés. Mais ainda: pregavam que mesmo os não judeus que haviam crido em Cristo deveriam se tornar judeus pela circuncisão e então guardar toda a Lei. Estavam também minando a autoridade de Paulo como apóstolo ao sugerir que ele estava fazendo jogo duplo, pois quando estava entre judeus pregava a circuncisão (Gl 5.11), mas quando estava entre os gentios dizia que isso não era necessário. Segundo eles, Paulo, na verdade, era uma pessoa que procurava agradar a todo mundo para se aproveitar financeiramente das pessoas (Gl 1.10).

As igrejas da Galácia estavam dando oportunidade para tais pregadores falarem e, mais que isso, estavam começando a acreditar na pregação deles. Alguns, ao tempo em que Paulo escreveu a carta, já

havam se deixado convencer por eles (Gl 1.6; 4.9,10; 5.7). Obras antigas, como o Comentário sobre as Guerras Gálicas, se referem aos moradores da Galácia como pessoas inconstantes, nas quais não se devia confiar, apesar de inteligentes, sinceras e impetuosas. Isso pode explicar por que tão depressa cristãos daquelas igrejas estavam mudando de opinião e aceitando a mensagem dos judaizantes. Paulo, porém, expressa profundo espanto por essa atitude (Gl 1.6). E, numa tentativa de impedir que a situação se agravasse, lhes escreve com urgência.

A Carta aos Gálatas foi escrita muito provavelmente depois de Paulo ter estado em Jerusalém para participar do concílio em que se discutiu de que maneira os crentes não judeus poderiam ingressar na igreja (At 15). A decisão do concílio foi que não se deveria impor a guarda da Lei de Moisés aos gentios que cressem. Essa resolução deveria ser então difundida por todas as igrejas da Síria, Cilícia e Antioquia, e Paulo foi um dos designados para levar a mensagem oficial redigida na ocasião (At 15.23-29). As similaridades entre Atos 15 (a narrativa do concílio em Jerusalém) e a descrição que Paulo faz de sua visita a Jerusalém em Gálatas 2 apontam para a correspondência desses fatos. Alguns, porém, estranham por que, então, Paulo não menciona a decisão do concílio de Jerusalém na Carta aos Gálatas, o que aparentemente teria reforçado seu posicionamento. Esse ponto é ainda hoje motivo de debate entre os estudiosos, havendo inclusive quem defenda que a carta foi escrita antes do concílio, razão pela qual o apóstolo não teria mencionado tão importante decisão. Contudo, Paulo pode ter evitado mencioná-la porque desejava que seus argumentos em prol da justificação pela fé fossem firmados sobre sua autoridade apostólica, não sobre a autoridade do concílio de Jerusalém. Lembremos que os falsos mestres buscavam desacreditá-lo como apóstolo.

Paulo tem vários objetivos na carta. O primeiro deles, evidentemente, é defender sua autoridade apostólica. A defesa era

necessária não apenas por causa dos judaizantes, mas também porque a autoridade do evangelho que pregava dependia da plena aceitação de Paulo como verdadeiro apóstolo de Jesus Cristo. Ele descreve como Jesus o chamou, soberanamente, quando ele ainda era um perseguidor da igreja, e o constituiu apóstolo, assim como havia feito a Pedro, João e os demais apóstolos. Sua autoridade, portanto, era a mesma dos Doze, a ponto de ele ter confrontado o próprio Pedro, quando este se tornou repreensível (Gl 1.10—2.21).

Outro objetivo da carta é combater o ensino dos judaizantes (Gl 3.1—4.31). Para Paulo, a mensagem deles anulava a graça de Deus e tornava a morte de Cristo na cruz irrelevante. Mais do que isso, os que seguissem o ensino deles caminhariam para a perdição, pois não poderia haver justificação de pecados mediante as obras da lei, mas somente pela fé em Jesus Cristo. Ou seja, para o apóstolo, a mensagem dos judaizantes não era apenas uma outra interpretação possível da obra de Cristo; antes, era uma negação direta dessa obra. Assim, Paulo expõe na carta, de maneira clara, veemente e persuasiva, o ensino de que a justificação de judeus e gentios ocorre mediante a fé em Cristo somente, não pelas obras da lei. Por fim, ele aproveita para exortar os cristãos da Galácia a ficarem firmes na fé em Cristo e a viver na liberdade do evangelho, no poder do Espírito (Gl 5.1—6.18).

A Carta aos Gálatas tem sido considerada pelos cristãos de todas as épocas uma das mais importantes missivas escritas por Paulo. Bastante similar à Carta aos Romanos, ela tem sido usada para defender a doutrina central do cristianismo. Lutero fez uso extenso dela em sua luta contra o catolicismo romano de seus dias, pois, embora o contexto original da carta tenha sido a controvérsia com os judaizantes, o que estava em jogo então é o que continua em jogo até hoje: De que forma o pecador pode ser aceito por Deus e perdoado de seus pecados? A resposta gloriosa de Paulo é que o pecador é justificado gratuitamente pela fé em Cristo, sem as obras da lei. Foi

assim que Lutero combateu a doutrina da salvação ensinada pelo romanismo de seus dias. E é dessa forma que continuamos, hoje, a anunciar aos pecadores o perdão de pecados em Cristo Jesus, mediante a fé, rejeitando qualquer sistema ou doutrina que acrescente a necessidade de obras humanas.

É isso que torna essa carta destinada àqueles cristãos da Galácia também relevante para todas as pessoas de todas as épocas e culturas: a necessidade de confrontar a ideia universal de que os seres humanos podem encontrar Deus e ser aceitos por ele com base em méritos próprios. Em nossos dias, mesmo dentro da cristandade, encontramos em diferentes versões esse conceito, quer sob a forma de uma piedade legalista, quer sob a forma da exigência descarada de dízimos, ofertas e sacrifícios vinculados à salvação, quer sob a capa de um fundamentalismo rígido e sem misericórdia, ou ainda sob a égide de experiências possíveis somente a uma “elite espiritual”. O cardápio é variado, mas o prato é o mesmo: o homem pode e deve contribuir de algum modo para sua salvação.

Foi contra essa ideia que o apóstolo Paulo se levantou. Para ele, acrescentar as obras da lei, ou quaisquer outras, à obra completa de Cristo realizada em sua morte e ressurreição era o mesmo que negá-lo e virar as costas para a graça de Deus. O evangelho dos “judaizantes”, mesmo com todo o seu linguajar judaico, piedoso e veterotestamentário, era “outro evangelho” (Gl 1.7) e deveria ser rejeitado. Somos libertos mediante a fé em Jesus Cristo. E nada mais.

CAPÍTULO 1

A MENSAGEM DE PAULO

Gálatas 1.1-5

Paulo escreveu a Carta aos Gálatas com o objetivo de orientar as igrejas que ele havia fundado na região da Galácia. A integridade dessas igrejas estava sendo ameaçada por falsos mestres, que ensinavam um evangelho diferente daquele que Paulo havia pregado.

Abertura da carta

O apóstolo inicia a carta de acordo com o procedimento usual na redação das cartas da época. Ele se apresenta, identifica os destinatários — os cristãos da Galácia — e os saúda com votos de graça e paz. Analisemos então a abertura da carta:

Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por meio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos, e todos os irmãos que estão comigo, às igrejas da Galácia: Graça a vós e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo, que se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos livrar deste mundo mau, segundo a vontade de nosso Deus e Pai, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém.

Paulo, apóstolo

Antes de tudo, Paulo se apresenta como “apóstolo”. Ele usa aqui o termo não em seu sentido mais básico e amplo, que é o de “enviado”, como se estivesse descrevendo sua função de missionário e plantador de igrejas, mas, sim, para designar seu ofício. Paulo está perfeitamente consciente de pertencer a um grupo restrito de homens que Jesus havia chamado. Esse grupo era formado pelos Doze, os quais o Senhor chamou durante seu ministério terreno, e pelo próprio Paulo, que foi chamado pelo Senhor glorificado quando este lhe

apareceu no caminho de Damasco. A esses homens o Senhor deu a autoridade e a missão de lançar os fundamentos da igreja cristã e de edificá-la. Havia muitos “apóstolos” no sentido de enviados de igrejas locais, mas os Doze e Paulo eram uma categoria única e à parte.

No entanto, a autoridade de Paulo era sempre contestada. Os próprios cristãos questionavam se ele era de fato apóstolo, uma vez que sua convocação se dera após o grupo dos Doze estar formado. Assim, Paulo precisava muitas vezes defender seu ministério apostólico, pois os falsos mestres que se haviam infiltrado nas igrejas dos gálatas estavam se aproveitando exatamente disso. Eles tentavam minar a autoridade de Paulo sob a alegação de que ele não era um apóstolo verdadeiro, por não fazer parte do grupo dos Doze, não ter andado com Jesus e por isso não ter sido convocado pelo Senhor durante seu ministério terreno.

Por isso, Paulo, depois de se apresentar como apóstolo, esclarece: “... não da parte de homens” (1.1). Ou seja, ele é verdadeiro apóstolo, não designado por alguma comissão de pessoas ou pela vontade humana. E acrescenta: “... nem por meio de homem algum” (1.1). Seu apostolado, além de não ter origem na vontade humana, não procede de qualquer personalidade. Paulo não obteve essa designação de algum patrono influente que o protegeu e o inseriu nesse ministério. Antes, como ele afirma, é apóstolo “por Jesus Cristo e por Deus Pai” (1.1). Isto é, seu ministério apostólico é tão verdadeiro quanto o dos Doze, porque foi recebido de Jesus Cristo e de Deus Pai.

A origem do apostolado de Paulo é a pessoa de Deus e a de seu Filho Jesus. E o apóstolo qualifica Deus como aquele que ressuscitou Jesus. Portanto, Paulo não foi enviado por um deus qualquer, e sim pelo Deus todo-poderoso, que no terceiro dia trouxe Jesus Cristo de volta do mundo dos mortos.

Já temos aqui a definição da missão principal de Paulo, pois a palavra “apóstolo” literalmente significa “enviado”. Uma pessoa é enviada com uma missão, com uma mensagem. Paulo foi enviado pelo

mesmo Deus que ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos, portanto sua mensagem principal é que Cristo está vivo, é o Senhor e recebeu todo o poder no céu e na terra.

No versículo seguinte, antes de especificar a quem a carta é dirigida, Paulo revela que não está sozinho. Ele menciona “todos os irmãos que estão comigo”. Algumas traduções da Bíblia, como a Almeida Revista e Atualizada (ARA), referem-se a essas pessoas da seguinte maneira: “todos os irmãos meus companheiros”. Mesmo sendo apóstolo de Jesus Cristo, Paulo costumava andar com uma equipe formada por pessoas convertidas por meio de seu ministério, as quais ele havia treinado para atuar como obreiros e colaboradores na missão da qual havia sido incumbido. Sabemos de Silas, Timóteo e vários outros cooperadores de Paulo, aqui chamados “companheiros”. Observe que ele assim faz uma distinção entre si mesmo e esses irmãos. Só Paulo é apóstolo; os outros são “companheiros”. Ele foi convocado pelo Deus que ressuscita os mortos, ao passo que os demais trabalhavam sob sua orientação e autoridade.

As igrejas da Galácia

A carta enviada por Paulo e os irmãos que estavam com ele tem como destinatários as “igrejas da Galácia”. Embora aqui a palavra “igrejas” esteja no plural, isso não significa que existam muitas igrejas no sentido universal. Há muitas igrejas locais e numerosos ajuntamentos de cristãos no mundo todo, porém todos eles constituem uma só igreja. Deus só tem um povo, e existe uma igreja somente. No mundo, porém, ela se manifesta nas muitas comunidades organizadas em cidades, em países e em todo lugar. Paulo está se dirigindo, em particular, aos cristãos da região da Galácia.

Sabemos, pelo livro de Atos, que essas igrejas surgiram como resultado de seu ministério. Paulo percorreu aquela região pregando a Palavra de Deus. Aquele que ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos estava com ele. E, como enviado de Deus, o apóstolo pregou o

evangelho e plantou muitas igrejas, às quais ele agora escreve com o objetivo de orientá-las e instruí-las.

Os votos

No versículo 3, Paulo expressa um voto, algo comum naqueles tempos. Voto aqui não significa compromisso, mas a expressão de um desejo com relação aos destinatários. Assim, ele deseja aos irmãos da Galácia: “Graça a vós e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo”. “Paz” fazia parte da saudação dos gregos na época. Quando uma pessoa conversava com outra ou escrevia uma carta para alguém, era comum que expressasse, no início, um voto de paz. A carta de Paulo segue o mesmo molde. Mas aqui, em vez de desejar apenas “paz”, ele acrescenta “graça”, algo mais precioso que a paz, porque só tem a verdadeira paz quem recebe a graça de Deus, o favor imerecido que ele concede.

A graça e a paz que Paulo deseja à igreja provêm de “Deus nosso Pai”. Paulo faz questão de se igualar àqueles irmãos na condição de filhos de Deus — o Deus Pai, que envia sua graça e sua paz a seus filhos. E ele não é nosso Pai somente; é também Pai do Senhor Jesus Cristo. Nesse sentido, somos todos irmãos de Jesus.

Estou sempre atento à teologia de nossos cânticos e, de vez em quando, ouço algum que se refere a Jesus como nosso Pai e a nós como filhos dele. Trata-se de um equívoco. Não somos filhos de Jesus, nem ele é nosso Pai. Nós, os crentes, e Jesus somos filhos de Deus, embora ele seja o Filho (com F maiúsculo) e nós sejamos filhos (com f minúsculo). Portanto, não somos filhos de Jesus. Somos irmãos dele porque temos o mesmo Pai.

Jesus no evangelho de Paulo

Note que, depois de declarar que foi enviado pelo Deus que ressuscitou Jesus dentre os mortos e de desejar ao povo a graça e a paz provenientes de Deus e de Cristo, Paulo passa a explicar quem é

Jesus. No versículo 4, o apóstolo afirma que Jesus é aquele “que se entregou a si mesmo pelos nossos pecados”.

Aqui, Paulo faz referência, em primeiro lugar, à mensagem que ele prega como apóstolo, que diz respeito a Jesus Cristo, aquele que entregou a si próprio pelos nossos pecados. Esse versículo aponta para a natureza voluntária da obra de Cristo. Ele não foi impelido ou coagido por ninguém, mas, sim, agiu voluntariamente. Ele tampouco fez isso para “dar o exemplo” lá na cruz, como ensinam alguns teólogos liberais, mas de fato se entregou pelos nossos pecados, que precisavam de punição — tinham de ser pagos, expiados e propiciados. E isso só poderia ser feito pelo nosso Substituto, Cristo, que voluntariamente se entregou para quitar a nossa dívida. Essa é a mensagem que Paulo, na condição de enviado por Deus, tinha de pregar.

Ainda no versículo 4, o apóstolo declara que Cristo se entregou pelos nossos pecados “para nos livrar deste mundo mau”. A palavra “mundo” nessa frase, no original grego, se refere a era, século ou tempo. Tanto Paulo quanto a Bíblia de modo geral contemplam e compreendem o mundo e a realidade pela perspectiva de duas eras. Existe a era presente, governada pelo mal, pelo pecado e pelo Diabo, a qual está debaixo da lei que a condena. É o mundo mau, tenebroso e perverso em que vivemos. Há também a era vindoura, mas que já se introduziu na era presente — a era de Deus, na qual ele receberá eternamente a glória, pelos séculos dos séculos. Isso não significa que Deus não é Senhor hoje. Ele é Deus agora e para sempre, como sempre foi no passado. Contudo, como Paulo afirma, o presente mundo “é mau”, e Deus está no processo de nos redimir dele. A plenitude do seu reino ainda está por vir.

Cristo entregou-se de maneira voluntária pelos nossos pecados exatamente para nos livrar da era perversa em que vivemos. O verbo grego que na versão Almeida Século 21 (A21) é traduzido por “livrar”, na ARA é traduzido por “desarraigá-lo”, o que nos traz à mente uma

imagem interessante. A árvore está presa pela raiz no local em que se encontra. Se você já tentou arrancar até mesmo um simples arbusto bem enraizado, sabe que não é nada fácil, porque a raiz o prende com firmeza ao chão. E, quanto mais dura a terra, mais difícil será arrancá-lo. A humanidade está arraigada no mundo presente, e aqui somos comparados com uma árvore arraigada à impiedade de nossa época. Só o Deus que ressuscita os mortos pode nos arrancar — nos desarraigar — deste mundo mau.

Portanto, era esta a mensagem que Paulo pregava: Cristo se entregou pelos nossos pecados não com o propósito de nos fazer felizes — como afirma o evangelho da prosperidade pregado hoje no Brasil, segundo o qual Cristo veio resolver nossos problemas e nos trazer conforto e tranquilidade nesta vida —, mas, sim, a fim de nos desarraigar deste mundo tenebroso, nos livrar da presente era de maldade e de perversidade. Ele veio inaugurar uma nova era, com a sua própria presença, trazendo assim o reino de Deus para nosso meio.

Paulo prossegue dizendo que Cristo fez isso “segundo a vontade de nosso Deus e Pai”. Ele veio se entregar voluntariamente pelos nossos pecados e nos desarraigar deste mundo perverso, e tudo isso estava de acordo com a vontade do Pai. Observe como a Trindade trabalha em conjunto. O Pai planejou segundo sua vontade, o Filho veio e executou esse plano da redenção no tempo e no espaço, e o Espírito veio para aplicar os efeitos da obra do Filho aos pecadores através dos séculos. Essa é a razão pela qual você e eu podemos hoje nos beneficiar do sacrifício de Cristo na cruz, realizado há mais de dois mil anos.

Paulo encerra a saudação inicial de sua carta atribuindo a Deus “a glória para todo o sempre” (1.5). Na ARA, traduz-se a parte final dessa expressão por “pelos séculos dos séculos”. A palavra grega aqui traduzida por “séculos” é a mesma que, no singular, aparece traduzida por “mundo” no versículo 4. Nesse versículo, Paulo está literalmente afirmando que Cristo veio nos desarraigar deste “século mau” e, no

versículo 5, ele diz: “a quem [Deus] seja a glória para todo o sempre”; ou seja, a Bíblia fala de duas eras diferentes: a era presente — este mundo mau, tenebroso e perverso, no qual estamos arraigados — e a era vindoura — a era de Deus, a qual já adentrou a era presente e na qual Deus receberá eternamente a glória, pelos séculos dos séculos.

Nossa conversão, portanto, consiste em sermos desarraigados do presente século, deste tempo mau em que vivemos, e passarmos aos séculos dos séculos, quando daremos a Deus toda a glória. Isso é a vida eterna, e essa será nossa atividade também “pelos séculos dos séculos”.

Conclusão e aplicações

Há algumas lições preciosas para nós na abertura da Carta aos Gálatas. Em primeiro lugar, aprendemos qual era o papel dos apóstolos. Eles não foram constituídos por homens; o próprio Deus os chamou para levar a mensagem da salvação ao mundo. O número deles era limitado, e eles não tiveram sucessores. Assim como Pedro não deixou um apóstolo sucessor, Paulo também não criou uma linhagem apostólica — ele tinha apenas “companheiros”. Portanto, muito nos espanta quando em nossos dias aparecem homens que são apóstolos “da parte” de homens. Eles mesmos se constituem como tais ou são ordenados por um conselho “apostólico”. Existe um chamado “conselho de apóstolos” no Brasil que ordena outros apóstolos. Mas tudo isso contraria o que Paulo está dizendo na abertura de sua carta.

O verdadeiro apóstolo não vem da parte de homem algum; ele é chamado diretamente por Deus. Se não for assim, não é apóstolo. Os verdadeiros apóstolos foram designados num período específico da história para proclamar a mensagem de Deus e para participar da composição do Novo Testamento, escrito por inspiração divina e deixado como legado à igreja. Portanto, não existem apóstolos nos dias de hoje. Os únicos apóstolos de que precisamos são os Doze e Paulo. A

palavra deles está disponível na Bíblia para as igrejas de todas as gerações. Não é mais preciso que outros apóstolos se levantem a cada geração para lançarem outra vez os fundamentos do evangelho. Essa obra já foi concluída.

Em segundo lugar, aprendemos com Paulo que a missão dos apóstolos era anunciar o evangelho de Cristo e que esse evangelho provém de Deus. É a boa notícia da parte do Pai de que, segundo sua vontade, o Filho veio ao mundo para morrer voluntariamente pelos nossos pecados, a fim de nos desarraigarmos do século perverso em que vivemos e nos libertar de nossas iniquidades e do poder do pecado. Recebemos ainda a boa notícia de que ele tem preparado os “séculos dos séculos”, ocasião em que a igreja haverá de glorificar a Deus eternamente por essa libertação maravilhosa. Essa é a essência, o ponto mais importante do evangelho. Tudo o mais que o Senhor nos proporcionar — saúde, prosperidade, tranquilidade, libertação dos problemas — é secundário, uma espécie de bônus. Deus pode nos conceder tais coisas, porém elas não constituem o âmago do evangelho, pois este trata exatamente do nosso desarraigamento do mundo para sermos transportados à era vindoura, quando Deus receberá toda a glória.

CAPÍTULO 2

A ORIGEM DO EVANGELHO

Gálatas 1.6-24

Após a abertura da Carta aos Gálatas, na qual Paulo se apresenta, identifica os destinatários e lhes faz votos de graça e paz, ele passa a discorrer sobre a origem do evangelho que prega e de seu ministério. É importante lembrar que a carta é dirigida às igrejas na Galácia, na ocasião invadidas por falsos mestres que estavam atacando a credibilidade do apóstolo.

Estou admirado de que estejais vos desviando tão depressa daquele que vos chamou pela graça de Cristo para outro evangelho, que de fato não é outro evangelho, senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregue um evangelho diferente do que já vos pregamos, seja maldito. Conforme disse antes, digo outra vez agora: Se alguém vos pregar um evangelho diferente daquele que já recebestes, seja maldito. Pois, será que eu procuro agora o favor dos homens ou o favor de Deus? Será que procuro agradar a homens? Se estivesse ainda agradando a homens, eu não seria servo de Cristo. Mas, irmãos, quero que saibais que o evangelho por mim anunciado não se baseia nos homens; porque não o recebi de homem algum nem me foi ensinado, mas o recebi por uma revelação de Jesus Cristo. Pois já ouvistes como era o meu procedimento no judaísmo, como eu perseguia violentamente a igreja de Deus, tentando destruí-la. E no judaísmo eu ultrapassava a muitos da minha idade entre meu povo, sendo extremamente zeloso das tradições de meus antepassados. Quando Deus, porém, que desde o ventre de minha mãe me separou e me chamou pela sua graça, se agradou em revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, não consultei ninguém. Também não subi a Jerusalém para encontrar os que já eram apóstolos antes de mim, mas parti para a Arábia e voltei outra vez para Damasco. Depois de três anos, subi a Jerusalém para conhecer Cefas; e passei quinze dias com ele. Mas não vi nenhum dos outros apóstolos, a não ser Tiago, irmão do Senhor. Sobre tudo isso que vos escrevo, declaro diante de Deus que não estou mentindo. Depois, fui para as regiões da Síria e da Cilícia. Eu não era conhecido pessoalmente pelas igrejas de Cristo na Judeia. Apenas tinham ouvido dizer: Aquele que nos perseguia agora prega a fé que antes tentava destruir. E glorificavam a Deus por minha causa.

A questão da origem do evangelho que pregamos é fundamental. Se ele fosse mera invenção de homens — dos pais da igreja, de Calvino, de Lutero ou do próprio Paulo —, então todos os que professaram o cristianismo no passado e os que o professam hoje estariam sendo enganados há mais de dois mil anos. Estaríamos todos perdidos, e nossa religião não passaria de ilusão, ou seja, não seria diferente das outras.

É muito importante que os autores do Novo Testamento afirmem com frequência que o evangelho pregado por eles não teve origem em homens, mas procedeu do próprio Deus e foi concedido por revelação divina. Assim, as verdades que entesouramos no coração com tanto carinho e defendemos com igual zelo procedem do próprio Deus. Nossa alma e nosso futuro eterno dependem delas. É questão de vida eterna — ou morte eterna — saber se esse evangelho tem origem humana ou divina.

O apóstolo Paulo teve de enfrentar essa questão desde cedo em seu ministério. Ele começou a pregar o evangelho e a plantar igrejas na bacia do Mediterrâneo, região que percorreu durante aproximadamente doze anos, e onde era sempre perseguido e confrontado por um grupo que também se dizia cristão, mas interpretava o evangelho de maneira diferente. Os missionários desse grupo ficaram conhecidos como “judaizantes”, pois insistiam que todo cristão gentio deveria também se tornar judeu.

Os judaizantes ensinavam que a salvação não se dava pela graça e pela fé somente; segundo eles, os convertidos, além de crer em Jesus, precisavam ser circuncidados, guardar a lei do sábado, abster-se de carne de porco e observar muitas outras prescrições da legislação mosaica. Essas pessoas atacavam constantemente o apóstolo Paulo, porque ele, entre todos os seus pares, era quem pregava com maior clareza — e a um público mais numeroso — a salvação unicamente pela fé em Jesus Cristo, sem as obras que a Lei prescreve. O apóstolo

afirmava com veemência que mediante a fé em Jesus, e somente a fé, uma pessoa é justificada diante de Deus.

Paulo precisava enfrentar com frequência as acusações desse grupo. Ele chegava a determinado lugar, pregava o evangelho, plantava uma igreja, deixava-a organizada, mas, tão logo partia, os judaizantes entravam em cena, buscando convencer os membros da nova igreja de que 1) Paulo não era apóstolo de verdade, pois não fazia parte dos Doze e não andara com Jesus; 2) ele era um apóstolo de segunda categoria, e a mensagem que ensinava era invenção própria, não provindo de Deus; 3) a doutrina da salvação pela fé, que ele anunciava, era uma simples estratégia de garantir seu sustento por meio da pregação de um evangelho barato.

De acordo com essa última acusação, os judaizantes argumentavam que Paulo, ao pregar a salvação pela graça e pela fé, atraía muitos seguidores com uma mensagem que não apresentava exigências nem dificuldades. Tratava-se de um evangelho de graça barata, idealizado para agradar os ouvintes e conquistar popularidade para o pregador. Não era, portanto, uma mensagem de Deus, e Paulo, por conseguinte, não passava de um impostor, um mercenário que, por estar interessado apenas no próprio sustento, inventou essa mentira de que o homem pode ser salvo somente pela fé em Jesus Cristo.

A história se repetiu quando Paulo trabalhou na região da Galácia, onde plantou muitas igrejas. Assim que se afastou, os judaizantes chegaram e começaram a espalhar entre os cristãos as mesmas acusações contra o apóstolo e sua mensagem. Foi para responder a esses ataques e deturpações que ele escreveu a Carta aos Gálatas, a fim de evitar que os crentes da Galácia se desviassem do evangelho que ele pregava e adotassem a doutrina judaizante.

Já na primeira parte da carta (1.1-5), como vimos, Paulo afirma ser apóstolo não por meio de homem algum, mas por Jesus Cristo, pela vontade de Deus. Ele explica ainda a essência do evangelho que pregava: Cristo entregou a si mesmo pelos nossos pecados “para nos

livrar deste mundo mau, segundo a vontade de nosso Deus e Pai” (v. 4). Era esse o evangelho que os judaizantes consideravam graça barata, pois tinham dificuldades em admitir que alguém pagasse pela culpa de outros. Para eles, seria fácil demais sermos perdoados apenas por acreditar que Jesus morreu pelos nossos pecados.

A despeito de tudo que Paulo havia ensinado pessoalmente, muitos membros das igrejas da Galácia estavam começando a dar ouvidos a esses falsos mestres. O apóstolo, então, não esconde seu espanto pela facilidade com que os gálatas estavam trocando o verdadeiro evangelho que ele havia anunciado pelo evangelho dos judaizantes: “Estou admirado de que estejais vos desviando tão depressa daquele que vos chamou pela graça de Cristo para outro evangelho” (1.6).

Nos versículos 7 a 9, Paulo chega a pronunciar uma maldição contra todo aquele que pregasse um evangelho diferente do evangelho de Cristo e da graça que ele pregou — fosse um anjo, fosse um apóstolo ou fosse o próprio Paulo. Tal pregador seria amaldiçoado e relegado ao inferno por toda a eternidade!

Em Gálatas 1.10-24, o apóstolo passa a falar de suas verdadeiras motivações, procura explicar a origem do evangelho que ele recebeu e defende a legitimidade de sua ordenação. Além disso, Paulo assinala a particularidade de seu apostolado entre os gentios, em que ele tem, de fato, independência dos outros apóstolos, embora a mensagem de todos seja a mesma.

A motivação de Paulo

No versículo 10, Paulo se defende da acusação de que procurava agradar às pessoas pregando apenas o que elas queriam ouvir: “Pois, será que eu procuro agora o favor dos homens ou o favor de Deus? Será que procuro agradar a homens? Se estivesse ainda agradando a homens, eu não seria servo de Cristo”.

Essa é a resposta de Paulo à acusação de que ele pregava o evangelho da graça para ganhar multidões e encher suas igrejas. Ele responde que, se sua intenção fosse agradar aos homens, não seria servo de Cristo, porque Cristo, o Mestre de Paulo, jamais procurou agradar a alguém no exercício de seu ministério. Podemos citar como exemplo o relato de quando o Senhor Jesus, ao ser procurado por um jovem rico que desejava entrar no reino de Deus, não tentou agradá-lo; ao contrário, o fez recordar de tudo o que Deus requeria dele. Jesus não tinha receio de homem algum. Ele não veio ao mundo para agradar a ninguém, mas, sim, para fazer a vontade de Deus.

Às vezes, precisamos escolher entre esses dois objetivos. Seria maravilhoso se pudéssemos sempre agradar a Deus e aos homens ao mesmo tempo. Mas há situações em que precisamos decidir: ou agradamos a Deus ou agradamos aos homens. Jesus Cristo viveu guiado pelo propósito de sempre buscar e fazer a vontade de Deus, mesmo que isso desagradasse às pessoas. Paulo, portanto, está dizendo que, se seu ministério e sua vida tivessem como objetivo agradar aos homens, isto é, obter sua aprovação, então ele havia escolhido a religião errada, porque a que se origina em Jesus Cristo jamais terá esse propósito.

Aprendemos com isso uma lição importante para os dias atuais. Há igrejas, comunidades e ministérios inteiros que existem para este único propósito: agradar aos homens, dizer o que as multidões querem ouvir. Nesses lugares, em geral, não se ouve falar sobre pecado nem sobre arrependimento. Não se fala em mudança de vida, em transformação, nem na necessidade de abandonar o pecado e seguir o caminho estreito da santificação. Esse evangelho que é pregado às massas enfatiza a prosperidade e a saúde, com o único propósito de fazer que as pessoas se sintam bem.

Outra característica marcante desse evangelho pregado nos dias de hoje é a ênfase na autoajuda. Centenas de livros publicados por autores nacionais e estrangeiros exploram o desejo humano de ser

bem-sucedido, de se sentir bem, de ser feliz. O principal propósito do evangelho, no entanto, não é fazer os seres humanos felizes. O autêntico evangelho de Cristo não diz respeito a colocarmos a nós mesmos em primeiro lugar, mas, sim, a Deus, sua glória e sua vontade. Diz respeito a quem é Deus e aos direitos e reivindicações dele, não aos nossos. É lamentável que muitas igrejas no Brasil estejam lotadas apenas por serem lugares onde se prega o que as pessoas querem ouvir. Procura-se ali agradar a multidão. Ora, se alguém busca agradar aos homens dessa maneira em seu ministério, já não pode, segundo Paulo, considerar-se um servo de Cristo Jesus.

Todavia, quando afirmamos que não devemos agradar a homens em nosso ministério não queremos com isso dizer que, para sermos verdadeiros servos de Cristo, precisamos ser rudes com as pessoas ou tratá-las com indiferença. Queremos dizer, isto sim, que nosso dever é falar-lhes a verdade de Deus, conforme revelada na Bíblia Sagrada.

Paulo está, portanto, expondo a motivação de seu ministério. O seu alvo, em primeiro lugar, era agradar a Deus. É claro que, se pudermos em algum momento agradar tanto a Deus quanto aos homens, faremos isso. No entanto, geralmente somos obrigados a escolher. E o verdadeiro ministro do evangelho — aquele a quem Deus chamou para anunciar as boas-novas da salvação — deve buscar sempre agradar a seu Senhor no exercício de sua missão e obedecer às suas ordens, mesmo que isso o torne um pregador impopular.

Não devemos seguir o exemplo do pregador palaciano de Luís XIV, o poderoso “Rei-Sol” da França. Conta-se que o rei, por motivo de um intenso medo supersticioso, havia proibido que se falasse de morte na sua presença. Mas o soberano ia à igreja todos os domingos, e o pregador da catedral, conhecedor da ordem real, precisava pregar na frente de Sua Majestade semanalmente. Certo dia, porém, ele se esqueceu da proibição do rei e, no meio do sermão, exclamou: “Todos os homens são mortais!”. Bastou um olhar do rei para o pregador se corrigir imediatamente: “Digo, quase todos os homens são mortais!”.

Assim como aconteceu com aquele pregador, às vezes as pessoas alteram a mensagem de Deus para agradar aos homens. Mas não era o caso de Paulo. Não era essa a motivação dele e também não deve ser a nossa.

A origem divina do evangelho de Paulo

Depois de explicar sua principal motivação, Paulo passa a falar da origem do evangelho por ele anunciado. Ele ensinava que o ser humano é salvo pela graça, que Cristo se entregou a si mesmo pelos nossos pecados e que somos salvos pela fé, sem as obras da lei. De onde ele extraiu esses ensinamentos? Paulo explica, nos versículos 11 e 12: “Mas, irmãos, quero que saibais que o evangelho por mim anunciado não se baseia nos homens; porque não o recebi de homem algum nem me foi ensinado, mas o recebi por uma revelação de Jesus Cristo”.

Nesses dois versículos, Paulo declara com muita ênfase que o evangelho que anuncia não é invenção humana. O apóstolo diz que não o recebeu de homem algum e que não estava meramente repetindo o que outros lhe falaram. Ele não aprendeu esse evangelho com ninguém nem era discípulo de pessoa alguma. Sua mensagem não era simples reprodução do ensino de mestres humanos.

No versículo 12, Paulo afirma que recebeu seu evangelho mediante “uma revelação de Jesus Cristo”. A palavra aqui traduzida por “revelação” (apokalypsis, na língua grega) está relacionada, em sua origem, ao ato de “tirar o véu”. Trata-se de uma palavra constituída por dois elementos: apo, preposição com o sentido de “a partir de” ou “saindo de”, e kalypto, que significa “véu”. O termo remete a uma ideia bonita. Imagine uma noiva dos tempos antigos, cujo rosto era coberto com um véu no dia do casamento. Suas feições não eram muito visíveis. O ato de revelar consistia em retirar esse véu, e assim

a fisionomia da mulher aparecia sem impedimento. Essa era a referência original da palavra aqui traduzida por “revelação”.

Desse modo, a ideia transmitida por Paulo é que o evangelho de Cristo — a mensagem de que Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna — era algo anteriormente encoberto. Essa mensagem estava, sim, presente no Antigo Testamento, porém de forma velada. Não podia ser vista com nitidez. Quando Cristo veio ao mundo, foi como se o véu tivesse sido removido, e o evangelho então passou a ser visto com clareza na pregação dos apóstolos.

Portanto, ao declarar que recebeu o evangelho mediante uma revelação de Jesus Cristo, Paulo aponta para a origem sobrenatural de sua mensagem. Foi o próprio Deus quem tirou o véu do evangelho diante de Paulo — ele aqui está provavelmente se referindo à sua conversão e ao seu chamado que ocorreram no incidente da estrada para Damasco. Paulo, na época em que ainda se chamava Saulo de Tarso, fazia parte do grupo dos fariseus; era um judeu zeloso das tradições de Israel e estava convencido de que era seu dever perseguir os cristãos e extirpar o cristianismo, pois, segundo cria, tratava-se de uma religião humana. Contudo, no caminho de Damasco, para onde se deslocava na companhia de uma pequena tropa com a missão de prender cristãos e fechar as igrejas da cidade, Cristo lhe apareceu e se revelou a ele. Uma luz intensa brilhou, e ele ouviu uma voz que dizia: “Saulo, Saulo, por que me persegues?”. Paulo caiu ao chão e, atemorizado, perguntou: “Quem és tu, Senhor?”. E a voz respondeu: “Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem persegues”.

Naquele momento, Paulo compreendeu que aquele Jesus que ele procurava destruir era, de fato, o Messias. Não foi algo que ele aprendeu em seus estudos. O próprio Deus se revelou a ele de forma especial naquela estrada. É a isso que Paulo está se referindo quando diz: “Não o recebi [o evangelho] de homem algum nem me foi ensinado, mas o recebi por uma revelação de Jesus Cristo” (1.12).

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Livres em Cristo: A mensagem de Gálata..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).